

GAZETA

DE SÃO JOÃO DEL REI

Nas curvas da Estrada Real

MAGALI SIMONE* ❖

Há séculos pelos caminhos da Estrada Real, passaram os homens e mulheres que primeiro sonharam este país. Índios, bandeirantes, escravos, nobres, reis. Gente que desbravou essas matas, construiu cidades, rasgou estradas que levaram para além-mar o ouro, os diamantes, as esmeraldas, as histórias, as esperanças e as desilusões da antiga colônia, deste Brasil em construção.

Estes caminhos ligaram terra a terra, terra a mar. Foi passando por aqui, pela Estrada Real, que Minas Gerais saiu de Minas. Ganhou mundo, cruzou as fronteiras do futuro. Hoje, quando conquistamos o título de Capital Brasileira da Cultura, refletindo sobre o passado, conseguimos entender que estamos nós ainda desbravando esta Estrada Real. Como nossos antepassados, também nós sonhamos este país, eterno ser em construção. Também nós rasgamos a terra tirando dela o que ela tem de melhor.

A diferença é que nem tudo vai ser levado para fora. Nem tudo pode ser tirado de nós, como foi de nossos antepassados, para cobrir de pujança e dar brilho a ganância de outras nações. A hospitalidade dos mineiros não pode nos ser tirada. Nossa religiosidade também deverá ficar aqui. Nossas crenças. Nossos talentos. Nosso brio. Nossa identidade. Jóias como essas não nos serão tiradas.

Pelo contrário. Cidadãos da Capital Brasileira da Cultura, vamos compartilhar com alegria e satisfação com todos os viajantes e turistas que se dispuserem a conhecer o verdadeiro ouro das Minas Gerais: nosso povo, nossas crenças. Mas elas estarão sempre aqui. Essas jóias ficarão em nossos corações. Eternamente. Sempre que cruzarmos por esta Estrada Real, iremos nos lembrar dessas jóias que carregamos conosco. Não importa se nos sentimos escravos, bandeirantes ou reis.

Hoje, no entanto, como os colonos que outrora se encantaram com a beleza de obras de mestres como Aleijadinho, Ataíde,

estamos nós contemplando a obra de uma mulher que nasceu artista. Uma mulher que na época colonial não seria o que ela é e foi em nossa época. Uma mulher que foi dentista, que se rendeu à arte: a artista plástica e escultora contemporânea Fátima Santiago. Mulher que pare expressões do hoje. Hoje, que foi forjado ontem. Mas que gera, sem parar o futuro. Mulher que aprendeu a forjar formas, esculpir desenhos. E cujo talento ganhou mundo.

Estamos aqui, a cada momento que passamos pelo trevo do Bezerrão, nos dando o desfrute da contemplação. Por isso, iremos nos render à beleza. Voltamos nossos olhos, então, para esta obra que representa estes caminhos que trilhamos ainda hoje em direção ao futuro.

Estes caminhos que pelas mãos de Fátima Santiago ganham formas femininas, arredondadas, cor de ferrugem. Arte neoconcreta que flerta com o geométrico, em metal usi- sac-300. Arte que nos lembra de quem nós somos. Que nos alerta que também nós somos pioneiros.

Desbravadores da nossa era. Homens e mulheres responsáveis pelo legado que deixaremos aos nossos filhos e aos filhos de nossos filhos.

Escultura que não é só forma. Que não é só traço. Que não é só textura. Que não é só beleza de se ver. Escultura que é pergunta. Escultura que é grito. Que é exigência. Arte que é a marca que cada homem e cada mulher que passarem por esta estrada irão deixar cravada, cristalizada nas entranhas de nossa mãe gaia. Que faremos nós dest Estrada Real? Que faremos nós, cidadãos da Capital Brasileira da Cultura? Que sonhos iremos deixar cair à terra, que conceitos deveremos cristalizar ao longo desta estrada, para que nossos herdeiros possam ter a consciência de que deverão deixar como herança para seus filhos a vontade de sempre, sempre, sempre lutar por um mundo melhor?

* Assessora de Comunicação da CBC 2007

“Cidadãos da Capital Brasileira da Cultura, vamos compartilhar com alegria e satisfação com todos os viajantes e turistas que se dispuserem a conhecer o verdadeiro ouro das Minas Gerais: nosso povo, nossas crenças”